



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## O 9ème, de George Sand a Garnier

António Mega Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

António Mega Ferreira, "O 9ème, de George Sand a Garnier", *Colóquio/Letras*, n.º 179, Jan. 2012, p. 169-173.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

## O 9<sup>ème</sup>, de George Sand a Garnier

ANTÓNIO MEGA FERREIRA

ACIMA DO MERIDIANO dos *Grands Boulevards*, Paris perde o brilho dos seus *arrondissements* mais turísticos. Salvo alguns maduros, entre os quais, como se verá, me conto, ninguém vai passear ou fazer compras para o 9<sup>ème</sup>: preferem ignorá-lo, seguindo de metro para se elevarem até Pigalle a demandar os *lieux de plaisance* noturnos que a lenda, hoje mais do que a realidade, dizem achar-se nesse mítico extremo norte do 9<sup>ème</sup>, porta aberta para a Butte Montmartre.

O 9<sup>ème</sup> é malha densa de prédios mais ou menos uniformizados, aqui e ali salpicada de reminiscências do seu momento de glória, cercada pelo garrote ferroviário — a Gare du Nord e a de l'Est para oriente, a St. Lazare a oeste —, rede de ruas compridas e funcionais, a de Notre-Dame de Lorette, a rue Blanche, a rue des Martyrs, a rue du Faubourg Montmartre, a despejar tráfego no Boulevard Haussmann, que é onde começa a Paris *chic*, a que leva à Opéra e à Madeleine, ao Faubourg St. Honoré e aos Champs Elysées. O 9<sup>ème</sup> é sobretudo Montmartre, e continua a ser por causa de Montmartre, que extravasa dos seus limites, que o departamento, criado em 1875 e agrupando quatro bairros (St. Georges, Chaussée d'Antin, Faubourg-Montmartre e Rochechouart) é conhecido.

Foi neste 9<sup>ème</sup> que eu aterrei, no inverno de 1970, chegado a Saint-Lazare a bordo de um *Sud-Express* à beira da congelação. A agência de viagens, partindo do princípio muito português de que o centro das cidades fica próximo das estações ferroviárias, destinou-me ao Hôtel Palmon, que ficava na rue de Maubeuge. Era então conhecido como «hôtel des Portugais» e essa predileção do operador turístico lisboeta não devia ser alheia à fama de que gozava. Ficava a dois passos do Carrefour de Châteaudun, no cruzamento com a rua do Faubourg

Montmartre, onde morava então a sede do comité central do Partido Comunista francês. Quatro décadas e muitas remodelações depois, o hotel ainda lá está e ostenta, orgulhoso nas suas modestas três estrelas, o nome Palmon Opéra, porque entretanto o 9<sup>ème</sup> passou a exibir fumos de pretensão burguesa, beneficiando do facto de o edifício desenhado por Charles Garnier se situar no seu extremo sudoeste. Lá chegaremos.

Neste Hôtel Palmon, precisamente no quarto nupcial que havia no sexto andar do edifício, dormi eu as minhas primeiras noites de Paris. Muitos anos depois, assaltou-me um calafrio, quando li, num romance de Georges Simenon (*Les trois crimes de mes amis*, de 1938), que foi num sexto andar da rue de Maubeuge que Ferdinand Deblauwe matou Carlos de Tejalda. E seria o Hôtel de Maubeuge onde pernoita o René Fabry de *La bonne fortune du Hollandais* (1940) modelado a partir daquele Hôtel Palmon? Parafraçando George Sand, apetece dizer que a memória literária é, às vezes, mais forte na evocação dos lugares do que a nossa própria memória. É que, no caso de Simenon, este 9<sup>ème</sup> foi espaço de representação privilegiado. Não há praticamente rua ou avenida, loja ou *bistro*, que não tenha sido esquadrinhado (e convenientemente rebatizado) pelo autor de Liège, que fez de Paris a sua cidade de adoção: Simenon é um bom guia para percebermos como era o 9<sup>ème</sup> na primeira metade do século passado.

O centro mítico da vida cultural do 9<sup>ème</sup> reside, no entanto, no bairro de St. Georges, que se vai erguendo, em suave ascensão, pela colina do mesmo nome, até ao final do século XVIII domínio verdejante das freiras de St. Lazare. Os vastos domínios das abadessas de Montmartre estendiam-se dali aos territórios em volta, mas foram anexados e não sobreviveram à venda dos bens nacionais, em 1792. A Revolução vibrara um golpe decisivo em cinco séculos de pacífica agricultura monástica e abriu a porta ao urbanismo desenfreado promovido e consumido pela burguesia triunfante. Os promotores imobiliários tiveram uma ideia de génio: chamaram à nova urbanização Nova Atenas, beneficiando da moda dos nacionalismos emergentes e da verdadeira paixão romântica ateadada pela luta grega pela independência. E para aí confluíram, num movimento imparável, os novos-ricos e os intelectuais, os advogados e os especuladores. O bairro de St. Georges construiu-se sobre as cinzas do Ancien Régime e foi a fogueira onde se atearam as labaredas do romantismo parisiense e, mais tarde, as das barricadas da Comuna.

Quase ao alto, num ponto privilegiado de onde se avistavam os moinhos de Montmartre, que no final do século XIX viriam a ser transformados em lugares de peregrinação dominical da burguesia parisiense e motivo de pintura de Van Gogh e Renoir, fica a rue Chaptal, rasgada em 1825 e delimitada pelas rues Pigalle e Blanche. Foi aqui que, em 1830, um pintor de origem holandesa, Ary Scheffer, veio estabelecer a sua residência em moradia ampla e confortável mas discretamente escondida dentro de um jardim de roseiras e lilaseiros. Scheffer não era grande pincel, como ainda se pode ver em meia dúzia de exemplos expostos na casa, hoje transformada em Musée de la Vie Romantique. Théophile Gautier dizia que ele era «un poète transposé», denunciando-lhe a literatice inveterada e a menor inspiração propriamente pictórica. Não é por isso, portanto, que ele se tornou uma figura incontornável do romantismo parisiense, até porque tinha um concorrente de peso: Delacroix, que começara por ter *atelier* no quai Voltaire, na *rive gauche*, rapidamente se tornou visita da casa da rue Chaptal e acabou por vir viver para a rue Notre-Dame de Lorette em 1844. A verdade é que Scheffer fez da sua residência um dos epicentros da vida romântica parisiense: para ali confluíam, às sextas-feiras por norma, nos outros dias por exceção bem recebida pelo proprietário, Rossini e Dickens, Liszt e Marie D'Agoult, Dumas e Thiers, e, sobretudo, George Sand e, mais tarde, também Chopin. Os saraus realizavam-se no *petit atelier*, um dos dois anexos que Scheffer fez construir no jardim. Uma tela de 1840, pintada por Joseph Danhauser, mostra Liszt ao piano, com Marie d'Agoult a seus pés, e uma plateia constituída por Alexandre Dumas, George Sand, Victor Hugo, Rossini e Paganini. O *décor* é idealizado, à boa maneira romântica, mas não é difícil imaginar que reproduz o ambiente das *soirées* no *petit atelier* da rue Chaptal: «era um *atelier* onde não se fumava, onde não havia vestígio de desordem, onde a conversa se desenrolava com bonomia, mas sem alardes. A harmonia era completa entre os quadros e a atmosfera onde eles nasciam», de acordo com o testemunho de Ludovic Vitet. Declamavam Vigny e Lamartine, soletravam Walter Scott e Byron, que admiravam com paixão, e entusiasmavam-se com os dramas de Dumas e Victor Hugo e com as árias de Mozart e Rossini cantadas por Pauline Viardot. Não era um *salon*, pelo menos no sentido criativo do século XVIII; era um convívio de amigos, a que a lenda emprestou as tonalidades de uma revolução.

A melhor parte do recheio atual do museu é espólio de George Sand, trazido da residência familiar, em Nohant, herança da avó, Marie-

-Aurore de Saxe. Mas só aqui está desde 1987, quando a antiga residência da família Scheffer-Renan foi transformada em museu. Há quadros (muitos) e cartas, joias e peças de mobiliário, manuscritos e bonitas aquarelas pintadas por George Sand. Estão lá também o molde em gesso da mão de Chopin e uma coleção de trabalhos de Ary Scheffer. O museu é gracioso, mas George Sand não viveu aqui, nesta rue Chaptal onde, um século depois, um casal de judeus russos daria à luz e faria crescer um tal Serge Gainsbourg.

O «falanstério» romântico (a expressão é dela, numa carta de 1842) ficava situado umas ruas abaixo, hoje com entrada discreta pelo n.º 80 da rue Taitbout. Era uma espécie de condomínio privado, *rather exclusive*, até porque tinha sido desenhado, em estilo neoclássico, por um arquiteto inglês: chama-se Square d'Orléans. No início dos anos quarenta, George Sand instalou-se no primeiro andar do n.º 2; Chopin veio fazer-lhe companhia no rés do chão do n.º 9, abandonando o apartamento no boulevard Poissonnière, não muito longe dali. Alexandre Dumas, cujos *bals masqués* ficaram célebres, o pianista Zimmerman, o escultor Dantan, a cantora Pauline Viardot e o compositor e pianista Charles-Valentin Alkan faziam parte da vizinhança. Todos se conheciam, todos se frequentavam: «sem sair deste grande pátio de Orléans, bem iluminado e bem ensaibrado, passamos as noites em casa uns dos outros, como bons vizinhos de província», diz George Sand. Juntavam-se-lhes ao serão Gautier, Musset, Liszt. E dali partiam para as excursões culturais aos teatros da moda e, sobretudo, à Ópera, então instalada na rue Le Peletier, lá em baixo, a caminho daquilo a que o urbanismo político de Haussmann (há belas páginas de Walter Benjamin sobre isto) chamou os *Grands Boulevards*.

A rue Le Peletier era, no tempo em que Simenon escreveu sobre ela (*Malempin*, 1940), o quartel-general das companhias de seguros, mas isso devia vir já do século anterior, porque sobrevive ainda o belíssimo edifício da companhia Le Nord, datado de 1840. Ali havia também um dos mais célebres restaurantes de Paris, Le Riche (hoje, Le petit Riche) e, sobretudo, o edifício da Ópera, inaugurado em 1821 como Académie royale de musique, para acolher provisoriamente espectáculos de teatro lírico. Mas foi um provisório bastante duradouro, porque o edifício só fechou as portas meio século mais tarde, depois do incêndio de 1873. A primeira década da Ópera da rua Le Peletier foi dominada por um «cliente» habitual do cenáculo da rue Chaptal, o compositor italiano Gioachino Rossini. Rossini não compreendia os românticos (era bas-

tante mais velho), mas tinha uma ânsia de novidade que o levava a frequentar os mais jovens criadores. Quando Paganini tomou Paris de assalto, no início dos anos trinta, Rossini tornou-se inseparável do grupo que se reunia ao alto da colina de St. Georges.

A última ópera ali estreada por Rossini foi *Guilherme Tell*, em 1829, e seria a sua derradeira criação operática (apesar de ter vivido mais quarenta anos), porque o temperamental e talentosíssimo compositor de Pesaro se envolveu numa longa disputa judiciária com o Estado francês. Porém, a memória dessa década prodigiosa está assinalada na toponímia: a rue Rossini é a última transversal da rue Le Peletier antes de chegarmos ao boulevard Haussmann. Na sala da rue Le Peletier, aliás, dera Franz Liszt um inesquecível recital, em 1832, e ali subiram à cena óperas de Daniel Auber, Halévy e Meyerbeer. Um momento a que nenhum dos primeiros frequentadores da casinha da rue Chaptal deve ter faltado foi a estreia do compositor romântico por excelência, o enigmático e vulcânico Hector Berlioz, que ali apresentou *Benvenuto Cellini*, em 1838. Foi nesse ano que George Sand conheceu Chopin. O nosso itinerário suspende-se aqui, antes que o visionarismo haussmanniano apague os últimos traços da irreverência romântica: os *grandes boulevards* levam-nos a outro mundo, o que é simbolizado pelo edifício da Ópera projetado por Charles Garnier e inaugurado em 1875. É à sombra deste Palais Garnier que se faz hoje a promoção dos hotéis modestos do velho casco que deu origem à criação administrativa do 9<sup>ème</sup>, exatamente nesse ano.